

## 1-Enquadramento do pensamento neoliberal

O discurso neoliberal sustenta o essencial da chamada Globalização enquanto discurso justificador do Sistema Capitalista

Falar do Neoliberalismo , significa naturalmente falar dos **teóricos do Neo-liberalismo** de Friedrich Hayek , fundador em 1947 da Sociedade de Mont Pelerin , juntamente com Karl Poper e alguns daqueles que mais tarde dariam forma à Escola de Chicago e que, naturalmente, viriam a receber o Prémio Nobel da Economia, entre os quais George Stigler , ou Milton Friedman.

Os **rostos políticos do neoliberalismo** são certamente Ronald Reagan, Margaret Thatcher ou Pinochet.

Os **rostos do mundo da finança** são certamente os presidentes do FMI e das instituições do Banco Mundial, e dos presidentes dos milhares de bancos espalhados pelo mundo com porta ou sem porta para a rua.

O **Exército do Neoliberalismo** é certamente representado pelas forças armadas americanas, espalhados por todo o planeta, (50% das despesas militares no Mundo) e, de forma subalterna, as forças armadas do Reino Unido e da França. **A polícia política do Neoliberalismo** são todas as polícias que forneceram informações e recursos humanos para sustentarem golpes militares que têm colocado no poder governos obedientes à Escola de Chicago. O **paradigma principal** do Neo-liberalismo é aquilo que se chama normalmente de **liberdade de mercado** e que é a liberdade do capital para circular, propor novas formas de aplicação especulativa e não especulativa, criar produtos financeiros que separam cada vez mais o capital da produção propriamente dita e que durante a crise de 2008/09 viriam em parte a ser denominados por produtos «tóxicos». Só os CDS (Credit Default Swaps) que se revelaram na crise de 2008 uma fonte de pânico, tinham um valor estimado que tinha passado de \$ 6 triliões no fim de 2004 para quase 60 triliões no fim de 2007.

Talvez o **maior feito** conseguido pelo neoliberalismo tenha sido o de criar bens financeiros “tóxicos e não tóxicos” que eram em 2006 mais de 3 vezes superiores ao PIB Mundial.

## 2- A desigualdade no Planeta

Segundo um estudo do L’Institut Mondial de Recherche sur l’Économie du Développement de l’Université des Nations Unies (UNU-WIDER) publicado em 2008, os 2 % dos adultos mais ricos do mundo detêm mais da metade da riqueza global das famílias. Os 10 % da população mundial mais rica detinham 85% do total mundial enquanto os outros 90% detinham apenas 15% da riqueza mundial mesmo tendo em conta que a riqueza neste estudo corresponde totalidade dos recursos das famílias

Este estudo considera que a nível mundial o coeficiente de Gini relativo à riqueza das famílias se eleva a 0,892. ou seja o equivalente “para uma população de 100 pessoas na qual uma pessoa receberia \$900 e as restantes 99 pessoas receberiam cada uma \$1” Tal era o estado do planeta no ano de 2000.

A nova divisão internacional do trabalho (neo-liberal) teve e tem também neste processo um papel fundamental, pois deslocou para regiões sem “cultura sindical” uma parte cada vez mais importante da produção industrial e dos serviços.

Os custos sociais e humanos da generalização da insegurança correspondem à **diminuição das despesas sociais, à liberalização e crescimento do desemprego** e do emprego precário e de uma forma geral a desmontagem dos direitos adquiridos pelos trabalhadores durante décadas de lutas sindicais. Lutas essas que tanto na Europa, nas Américas, como no resto do mundo, encontraram pela frente organizações patronais que

não hesitaram a lançar todo o tipo de polícias e os próprios exércitos nacionais contra os trabalhadores.

É assim, fácil invocar que as políticas sociais se tornam um fardo insuportável para todos os países, pelo que a solução que favorece o Capital reside na privatização de tudo aquilo que tem a possibilidade de se tornar mercadoria e entrar no mercado.

Assim se orienta para o capital financeiro o volume atual estimado de segundo Martine Bulard em \$4 triliões á escala mundial.

Em última instância, o caminho atual leva de facto à transferência de uma responsabilidade social assumida pelos trabalhadores e pelos Estados/patronato no tempo do Keynesianismo a transferir-se para a esfera do negócio privado que assim acede a uma parte considerável do PIB de cada País. Com esta mercantilização destas áreas, os assalariados ficam na verdade mais vulneráveis e em consequência menos aptos a defender a sua parte na produção mundial

Uma forma consistente de avaliar o grau de exploração dos trabalhadores é certamente dada pela relação entre a parte do PIB de cada País, que corresponde aos salários e ao capital. Um estudo de 2007 do Center on Budget and Policy Priorities baseado nos dados do Departamento de Comércio salientava que a parte do Rendimento Nacional dos EUA destinada aos salários em 2006 estava no seu valor mais baixo desde 1929, ao mesmo tempo que a parte relativa aos lucros das empresas estava no seu mais alto valor. Dois anos antes seria fácil prever a crise dos Subprime.

Seria de esperar que nos EUA, principal país capitalista com um poder de intervenção crescente em todos os aspetos da vida do planeta, o capitalismo servisse pelo menos a população americana no seu todo. Mas a realidade é bem diferente pois também aí uma crescente parte da população vive no grupo dos pobres e dos muito pobres, quer se tenha em consideração os rendimentos das famílias ou do acesso a qualquer sistema de segurança social estruturado.

Segundo um estudo produzido pelo Center on Budget and Policy Priorities a parte da população americana vivendo em pobreza profunda, ou seja cujo rendimento está abaixo da metade da linha de pobreza, representava em 2007 um total de 15,6 milhões.

Mas a pobreza não é apenas um facto que atinge os EUA. Os recém criados indicadores de Laeken (já não se fala de pobreza mas de risco de pobreza !!!) mostram que a situação Europa é em tudo idêntica na generalidade dos países, atingindo atualmente um valor já superior a 70 milhões de pessoas vivendo abaixo da linha de pobreza

### **3- Uma nova abordagem da pobreza contemporânea**

Ter por base o rendimento de \$1 ou \$2 pouco ou nada significa pois a relação custo de vida / nível de vida é actualmente em qualquer parte do planeta relativamente idêntica.

No seio das Nações Unidas e do próprio Banco Mundial são cada vez mais as vozes de iminentes economistas que clamam por uma discussão menos ideológica e mais assente na realidade do quotidiano das pessoas.

Lant Pritchett, sócio-economista do Banco Mundial coloca a pergunta que nos parece certa: se abaixo da mais baixa linha de pobreza, as pessoas são efetivamente pobres, a partir de que linha deixam de o ser?

Ou seja, deve ser considerada a média das linhas de pobreza dos países mais pobres mas também fará sentido considerar a média das linhas de pobreza dos países mais ricos e neste caso temos uma linha que sendo ainda de pobreza é 10 vezes superior ou seja corresponde a um valor de \$10 per capita por dia PPP.

As proporções aqui são assustadoras pois rapidamente percebemos que a quase totalidade da população mundial onde quer que viva, vive abaixo dos limiares de pobreza. A percentagem varia apenas, dos maiores valores nos países capitalistas mais pobres na casa dos 99%, aos 12% nos EUA e nos países mais ricos, leia-se Europa e pouco mais.

<b>Quadro 25 – Estimativa de pobreza no Mundo % e número de pobres segundo várias linhas globais de pobreza</b> Parte da população mundial abaixo desta linha de pobreza %			
	Rendimento ou consumo de bens <i>per capita</i> Por dia	Parte da população mundial abaixo desta linha de pobreza %	Cálculo do autor População undial 6.2 bilhões
Indigente	\$1	21	1.300
Pobreza extrema	\$2	47	1.600
Pobreza global	\$10	20	2.500
		87.9	5.400
Não pobre		12	750

Por outras palavras, aquilo que a população mundial recebe pela venda da sua força de trabalho, em qualquer parte do mundo, apenas garante a sobrevivência do trabalhador e ou do seu agregado familiar e a sua reprodução. Já Marx o tinha explicado

A parte de 12% de não pobres na população mundial ou seja 750 milhões de pessoas, são a classe média e média alta dos países ricos que vive dos seus salários, não deixando de ser por um só instante parte potencial do desemprego e em consequência para a maioria, incapaz de fazer face à amortização do consumo realizado, que assentou no crédito através do qual a banca lhe vai buscar em juros e taxas e afirmar a sua **condição de proletário**, consciente ou não da sua condição de classe. Por sua vez, a parte da população detentora do capital mundial é tão diminuta que poderia ser igualmente elaborada uma nova tabela, onde de novo, a maioria dos pequenos capitalistas representaria 1% do Capital mundial, ficando os restantes 99% pertença de 1 % da classe capitalista. A única coisa que jamais será globalizada é a acumulação do capital. O destino dos 99% dos capitalistas é serem comidos pelo 1% dos capitalistas mais poderosos.

Lant Pritchett colocou a necessidade de criar um conjunto de níveis que possam dar melhor conta da evolução da pobreza no Mundo. Na verdade, ao propor e fundamentar o nível de \$10, está apenas a ter em consideração o efetivo custo de vida para se estar fora da pobreza na Índia na África ou na América Latina.

O custo de vida para satisfazer às necessidades básicas é praticamente idêntico em qualquer parte do mundo pois, mesmo os bens que podem assegurar o mínimo de conforto alimentar estão integradas no comércio internacional e sujeitas a especulação financeira, como no recente caso dos cereais.

Uma lata de leite em pó é tão cara na Guiné-Bissau como em qualquer parte do Mundo, assim como o aluguer de um apartamento devidamente equipado. A diferença está em saber quantos dias de trabalho são necessários efetuar, para poder efetivamente adquirir essa lata de leite ou arrendar um apartamento condigno ou fazer uma operação ao apêndice. E quantos dos bens essenciais tais como saúde, educação ou cultura ficam fora dos recursos disponíveis. A situação é idêntica para a aquisição de um comprimido para a febre ou um curso profissional. Nem mesmo com os \$10 por dia, a generalidade dos bens cuidados de saúde, alimentação, educação ficam fora do alcance da maioria da população.

Se tivermos em consideração que na generalidade dos países ricos a tendência é para o crescimento do fosso entre ricos e pobres, em simultâneo com o crescimento daqueles que vivem na pobreza, então o futuro torna-se profundamente sombrio.

E esta situação apenas tem em consideração a evolução no quadro “ pacífico “ das leis do capitalismo.

Noutro quadro, a história mostra que todos os meios são passíveis de ser aplicados desde a simples despedimento de um sindicalista, à repressão maciça como na Indonésia de Suharto, à guerra contra o Vietname ou contra o Iraque. Com igual função a exploração

do meio ambiente só tem por limites aqueles que o grande e o pequeno Capital definem. Todos os indicadores relativos às ameaças é à destruição do meio ambiente ganham neste contexto um lugar ainda mais sombrio.

### **Em forma de Conclusão**

O planeta está globalmente integrado no sistema Capitalista desde o fim do Século XIX, sendo certo que neste início de século XXI, não só está integrado como essa integração é permanente e todas as regiões reagem de forma interdependente a cada instante e em simultâneo. O fator tempo e o fator distância deixaram verdadeiramente de existir desde o lançamento dos primeiros cabos submarinos, a navegação a vapor e o aparecimento dos transportes aéreos.

Por outro lado as leis do capitalismo regem a vida do planeta incluindo desde os anos 90 os países do ex-Bloco Soviético e da Republica Popular da China. Processo aplicável a Cuba onde uma parte crescente da mão-de-obra se encontra já integrada na economia capitalista.

Quanto ao resto do planeta todos os países e regiões fazem parte do planeta capitalista quer se trate da América Latina, da África, da Suécia ou do Haiti.

A 5ª Avenida em Nova Iorque, o Faubourg de Saint-Honoré em Paris e a rua principal de Port au Prince são em igual medida filhas do mesmo sistema económico mundial – o Capitalismo.

Os caminhos do sistema devem ser analisados tendo por referência o mundo Capitalista no seu todo e não apenas e essencialmente a Europa, a América do Norte e o Japão.

Nos países capitalistas avançados e que de facto dominam o planeta os valores médios relativos aos indicadores socioeconómicos são certamente superiores aos do resto do Planeta que de uma forma ou outra, não deixando de ser capitalista não faz parte do capitalismo central.

Nas ditaduras capitalistas da América Latina, forjadas e mantidas pelas classes detentoras do capital, ou nas ditaduras capitalistas africanas e árabes também elas forjadas e mantidas pelos EUA em parceria com a Europa (França, Bélgica etc..) e que substituíram os governos nacionalistas do período que seguiu às independências, **reina o sistema capitalista plenamente.**

Se pensarmos no Planeta é pois forçoso considerá-lo no seu todo. E o panorama não é nem brilhante nem dá sinais de globalmente tender a melhorar. E nem só no Terceiro Mundo dos países em desenvolvimento do Sul, as desigualdades crescem.

Também no Norte, passados que foram uns breves anos a seguir à Segunda Guerra Mundial, onde se viu a relação Capital/Trabalho ser menos desfavorável ao Trabalho, as desigualdades tendem a aumentar.

Também aqui os processos de privatização das empresas públicas rentáveis, entregando-as a uma lógica de apropriação privada das mais-valias para fins não produtivos como seja a especulação financeira, a chamada deslocalização, a desmontagem dos sistemas de segurança social – saúde, aposentadoria não só tem vindo a fragilizar no seu todo a classe assalariada, com a baixar os níveis de reivindicação sindical.

As chamadas deslocalizações fazem parte das receitas utilizadas nos países capitalistas para correrem atrás da mão-de-obra com menores custos salariais, menor poder reivindicativo e sindical e sobretudo menores custos sociais. Com efeito os salários mais baixos encontram-se em países capitalistas pobres como a Republica Popular da China, a Índia ou o Vietname.

No fim de contas “mundialização” e “globalização” não são certamente mais do que expressões que favorecem a impossibilidade de compreender o mundo em que vivemos e em consequência favorecer uma compreensão ativa e positiva em favor de um planeta com esperança.

Neste contexto quanto maior forem os obstáculos á compreensão da racionalidade do sistema económico em que vivemos, menores serão as hipóteses de identificar as políticas que permitirão imaginar um planeta menos sombrio. O processo em curso de empobrecimento social e ambiental do Planeta parece não ter futuro.

As imagens de Charlens Dickens ou de Emile Zola só aparentemente desapareceram das fabricas, pois reaparecem agora nessas mesmas empresas, mas um pouco por todo o planeta, do México á China da Nigéria à Indonésia.

Esquece-se no entanto, que tanto a democracia como os Direitos Humanos, como o direito de voto, como a igualdade de género, como a liberdade de expressão, como a segurança social, são fruto não de uma benesse da “economia de mercado” mas foram conquistados ao longo do século XX pelas lutas operárias e campesinas, pelas greves e manifestações, pelas forças sociais que a “economia de mercado” sempre utilizou apenas como mão-de-obra necessária à criação de mais-valia, essa sim não partilhada, não “democratizada”, mas ao contrário, apropriada privadamente pelos donos da chamada economia de mercado.

É no seio do próprio sistema capitalista que se encontra a razão do seu próprio funcionamento.

Hoje todo o Planeta encontra-se dependente da razão capitalista sendo certo que apenas existem **países capitalistas ricos e países capitalistas pobres**. Por isso é cada vez mais difícil imaginar um mundo mais feliz se pensarmos no Planeta no seu todo.